

1 cafira zoé (minas gerais, 1987) cobra-coral, poeta, artista visual e cientista. é pesquisadora no núcleo de estudos da subjetividade (puc-sp), e multiartista na cia teat(r)o oficina. vive e trabalha em sp em pragmatismos vitais com humanos e não humanos: cosmopolíticas, compostagens, imaginação, alianças multiespécies, simbioses, insurreições, territórios existenciais.

2 companhia de teatro brasileira mais longeva em atividade no país, situada no bairro do bixiga, periferia central de são paulo. com 60 anos de história e trabalho, é epicentro de produção de pensamento e rituais de teatro atravessado por forças dionisíacas, artaudianas e cosmopolíticas. dirigida pelo ator e dramaturgo josé celso martinez correa e um núcleo de artistas de diferentes gerações e mundos de visão, que fazem da companhia um acontecimento de teatro ligado à vida, à cidade, à terra e ao cosmos.

3 cosmopolítica aqui é sinapse de pensamento com os modos com que a expressão foi cunhada pela primeira vez pela filósofa da ciência, isabelle stengers, não exatamente como um conceito, mas como proposição, proposição de práticas para construir mundos, e mundos em comum, num dilatar das coisas para a política, numa instauração contínua de cosmos, perspectivas, existências.

4 gouveia, c.m.c. izabel. a cidade de são paulo e seus rios: uma história repleta de paradoxos. in: *confins* [online], 27 | 2016, posto online no dia 16 julho 2016, consultado o 26 julho 2019. url : <http://journals.openedition.org/confins/10884> ; doi : 10.4000/confins.10884

5 antigo casarão do bixiga, residência de sebastiana de melo freire, conhecida como dona yayá, posteriormente se transformou em sua clausura. construído no século xix, é considerado um dos últimos sobreviventes do cinturão de chácaras da região central de são paulo. hoje é sede do centro de preservação cultural da universidade de são paulo (usp). a casa de dona yayá faz parte dos 5 bens dentro da área envoltória ao teat(r) o oficina, tombada e protegida pelos órgãos de proteção ao patrimônio, composta ainda pelo tbc (teatro brasileiro de comédia), o castelinho da brigadeiro, e a escola primeiras letras.

6 palavra entre ornitologia - estudo e observação de aves - e orgia - etim lat. *orgia, iorum* 'mistérios de baco'. nos processos de produção de pensamento do teat(r) o oficina, gestados nos ritos teatrais das palavras encarnadas no gesto, diz-se orgia: o carnaval, a multidão num estádio de futebol, o público num teatro de estádio, uma revoada

auscultar um rio pequeno ensaio para uma cosmopolítica dos povos

cafira zoé¹

há quase 40 anos um território de 11 mil m² no bairro do bixiga re-existe ao avanço da especulação imobiliária em são paulo. último chão de terra livre no centro da cidade, as terras entre as ruas jaceguai, abolição, santo amaro e japurá, onde habita o teat(r) o oficina², são um vale fértil, onde se atualiza, ao longo dos anos, uma luta cosmopolítica³ pela vida. no encontro entre humano e chão, chão e teatro, teatro e cosmos, cosmos e... pequenos brotos de abacate nascendo nas galhadas de um tronco-quase-seco derrubado pela tempestade, a tempestade e o balanço da árvore cesalpina, plantada pelas mãos de lina bardi, o balanço e a queda do muro que entremeava o dentro e o fora entre o tronco e a copa - um ato mesmo de acupuntura cosmopolítica para abertura dos espaços.

esse território está situado em uma parte considerável da planície de inundação do córrego do bixiga, o que se traduz, ao longo dos anos - como em grande parte da cidade de são paulo, construída sobre rios - no comprometimento da permeabilidade dos solos e outros declives dos processos de uma urbanização fissurada: como enchentes e inundações. a 4 metros abaixo dos pés, no epicentro nevrálgico dessas terras, corre, confinado em galerias de concreto, o rio do bixiga - cuja bacia vem descendo desde o platô da avenida paulista, até desaguar no vale do anhangabaú. é de 1893⁴ o início das obras de retificação do canal, e conseqüente canalização do ribeirão do anhangabaú, seguidas por processos de canalização subterrânea (tamponamento) dos córregos a ele ligados (itororó, saracura e bixiga) e seus cursos - já na década de 30 estavam totalmente soterrados em galerias.

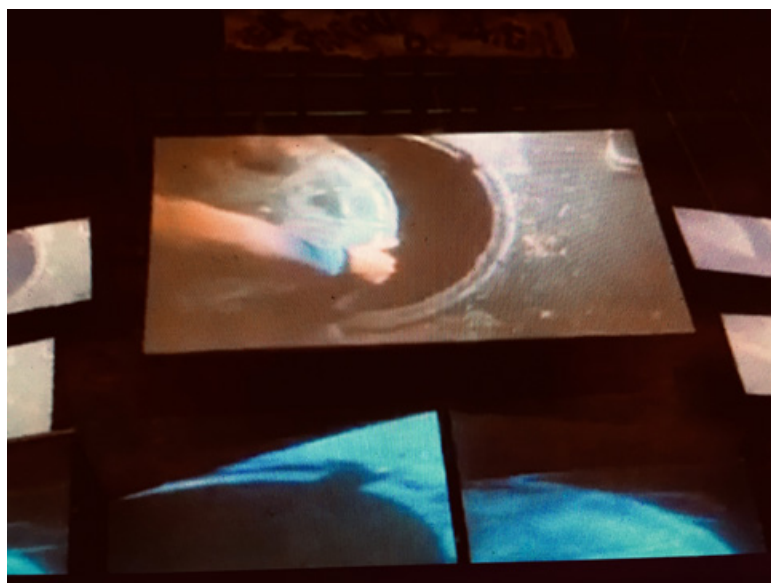
o que se passa entre o córrego e a terra talvez tenha sido auscultado pelas aves que sobrevoam neste espaço aéreo, construindo uma espécie de mapa vital através de rotas de re-existências: dos galhos secos do abacateiro caído, de onde nascem brotos-verde-fluorescentes, até à copa das árvores que vivem no bosque da casa de dona yayá⁵, e de volta, à juba-cheia da cesalpina, fazendo ninhos no teto de vidro do teat(r) o oficina: se estamos atentos, dias imensos de ornitologias⁶ serão capazes de captar vibrações dessa atmosfera, suas intensidades construindo mundos. num ofício minucioso-poético, imaginar e dar testemunho desses trajetos de fertilização da vida: biodiversidades - eis um trabalho a ser feito. rituais de coexistência, como em alquimia, apontam o percurso da luta neste sítio, encarnada no combate a um modo de vida capital-especulativo nas cidades. parque das terras do bixiga, teatro-parque, lina bo bardi, do rio... do bixiga, de são paulo, de um cosmos, em relação com outros cosmos,

de pássaros, o estouro da boiada,
um cardume de peixes... qualquer
atmosfera em que se pratique
ser muitos, em metamorfoses.
os limites se confundem,
as fronteiras são borradas.
ornitologias, assim, flerta com
alguma coisa entre devir-animal
e relações multiespécies: alianças
não-humanas, mais-que-
humanas, seja lá quais forem
os termos: existir com, fazer
multidão, não sendo, portanto,
relativo a prática de atos sexuais
entre humanos e pássaros, se
porventura lhes ocorreu.

7 cunha, euclides da. os
sertões. são paulo: ubu, 2019.

*em luta surda,
mas emocionante,
pra quem consegue perceber,
através de séculos sem conto,
entorpecida sempre
pelos agentes adversos,
mas tenaz,
incoercível,
num evolver seguro,
a Terra, organismo vivo,
transmuda-se de dentro para fora –
Intussuscepção,
indiferente aos elementos
que lhe tumultuam a face.⁷*

auscultar, do latim, *auscultare*: dar ouvidos, é um termo técnico para a escuta dos sons internos do corpo, que pode ser feita tocando diretamente um corpo com o ouvido ou através de um instrumento conhecido estetoscópio. consiste em investigar os ruídos do sistema circulatório, respiratório e gastrointestinal: uma espécie de escuta dos fluxos subterrâneos, afinal.



galeria 1 - 4 imagens-frame
da auscultação do rio do bixiga

no dia 5 de junho deste ano convulsionado de 2019, um rito de acupuntura urbana - o 4º de grandes proporções na luta pela criação do parque do bixiga - lançou uma flecha em direção ao desmassacre desse território: um gesto de auscultação do pulso do rio do bixiga: seiva soterrada. em são paulo, segundo pesquisa do projeto *rios e ruas*, a qualquer ponto em que pisem os pés, estamos a 150-200m de um rio. grande parte das ruas por onde vamos são cursos de rios soterrados pela sanha de uma urbanização descabeçada. no bixiga, três rios (saracura, itororó e bixiga) compõem uma bacia hídrica e correm em direção ao vale do anhangabaú, onde antes se formava uma planície fluvial, enterrada na construção da capital que agora sofre com as inundações: efeito dos cursos d' água confinados em galerias e canos apertados de concreto ao longo dos anos.



8 oswald de andrade.

9 no dia 5 de junho de 2019 foi presentificado um projeto, exercício de imaginação política construído a muitas mãos, para um parque do rio do bixiga. aliança entre teat(r)o oficina, artistas + coro de arquitetura cênica, universidade antropófaga, escola da cidade, sociedade civil, lina bo bardi, edson elito, aziz ab'saber e arquitetos/ pesquisadores dos córregos da cidade de são paulo, entre eles newton massafumi e tânia parma. nas palavras de marília gallmeister, arquiteta do teat(r) o oficina, "a grande contribuição desse projeto é levar em conta essa última camada, que, na verdade, é a primeira, a da terra". o córrego é o protagonista, e fazendo eco com massafumi: ele corta transversalmente o terreno, e, renaturalizado, será cercado de trilhas de terra, em processos de restauração da fauna e flora originais.

10 aqui, a palavra povo gesta um pensamento de viveiros de castro durante a aula pública os involuntários da pátria, que diz: "povo" só "(r) existe" no plural — povos. um povo é uma multiplicidade singular, que supõe outros povos, que habita uma terra pluralmente povoada de povos.

11 ressonância da resistência do movimento guarani de são paulo pela demarcação de suas terras. vivem na grande são paulo mais de 2000 índios guarani, distribuídos em aldeias localizadas em duas regiões distintas: o extremo sul e o pico do jaraguá.

12 o artista indígena denilson baniwa produz uma série-potência de intervenções urbanas e discursivas com os grafismos "brasil terra indígena", "são paulo terra indígena" ... muitas vezes associado ao yawareté payé, pajé-onça: www.behance.net/denilsonbaniwa

*desta terra
nesta terra
para esta terra
e já é tempo⁸*

a especulação imobiliária constrói cidades para necrose. são áreas ásperas, implantadas de maneira brutal, seja pela demolição desenfreada de construções humanas e não-humanas que-já-não-servem-mais, seja pela criação compulsória de uma arquitetura patriarcal violenta, de constante atualização colonial, especista, segregacionista, sem imersão/relação alguma com as biosferas que modificam. ceder à tara dessa forma de especulação da vida nas cidades, e a esse modo de criar o que chamamos de cidade, é uma maneira de nos entregar às políticas de morte dos tecidos urbanos, da terra, e de nossos próprios corpos. não ceder, é uma importante força de vida, potência miúda, talvez, que em série e constelações compõem uma tecnologia de lutar junto, em uma perspectiva cosmopolítica.

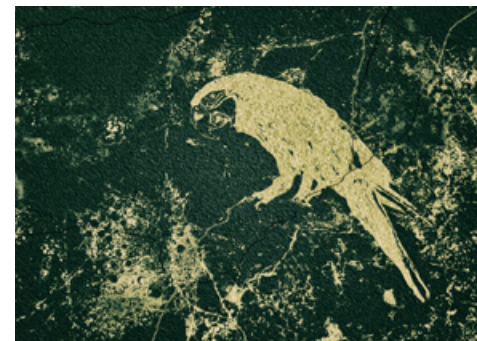
a luta que se trava nesta terra, e o movimento que aspira a renaturalização⁹ do rio asfixiado, é também uma co-movência, que se alia a outras, e a muitos territórios em disputa na cidade de são paulo. são lutas pelo direito à cidade, são lutas dos direitos não humanos; são lutas de imaginação, e de uma imaginação cosmopolítica; são conflitos entre maneiras de existir; são lutas pelo direito de existir de outra maneira; são políticas pela vida; são invenções de mundos, de outras histórias; são fabulações de povos¹⁰ por vir, e que já estão.

mais de 40 territórios compõem a rede novos parques, que é uma simbiose em luta por áreas verdes na capital. a luta dos povos indígenas pela vida da terra e a marcha das mulheres indígenas, margaridas e campesinas nesse agosto de 2019 tomaram brásilia e ecoaram - *território: nosso corpo, nosso espírito. uma tekoha* - lugar onde se pratica um modo de existir que re-existe, como o *jaraguá é guarani*¹¹, como o teat(r)o oficina é território de luta. denilson baniwa¹² com a sua força gráfica reivindica e instaura: brasil, terra indígena; são paulo, terra indígena. os assentamentos da reforma agrária na grande são paulo e os grupos de consumo responsável circulam a produção da agricultura urbana

13 casé angatu xukuru tupinambá: indígena e morador no território tupinambá em Olivença (Ilhéus/Bahia) na aldeia Gwarini Tabá Atã; docente da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (Ilhéus/Bahia); doutor pela FAU/USP; mestre pela PUC/SP; historiador pela UNESP; autor dos livros: "nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza na virada do século XIX-XX", "identidades urbanas e globalização: constituição dos territórios em Guarulhos/SP" e do artigo "história e culturas indígenas – alguns desafios no ensino e na aplicação da Lei 11.645/2008".

14 cogumelos de micorrizas da guloseima *Laccaria laccata* e fungos *Pisolithus tinctorius*, por exemplo.

agroecológica; viveiros de sementes e oficinas de compostagem povoam hortas urbanas. Os Tupinambás de Olivença, com Casé Angatu¹³, sagraram o território do Teat(r) Oficina e as Terras do Bixiga com sua dança e seu canto – *tupinambá vai te pegá vai te comê, tupinambá vai te pegá vai te comê!*. Movimentos como o Rios e Ruas atuam na restauração de rios, córregos e seus cursos na capital. Contra todo o confinamento da vida será preciso alegria e coragem, e também poetas. Cogumelos e fungos¹⁴ que tem a qualidade de acumular resíduos tóxicos e metais pesados em áreas de mineração, evitando que alcancem a biodiversidade florestal, as plantas. Banhos de Manjeriço e Alecrim que seguram a gente, os trabalhos dos terreiros que seguram a terra, a Reza dos Guaranis que segura um mundo. As palavras-fogo de David Kopenawa... todas essas forças, todos esses povos em simbiose, humanos e não humanos – estão, neste momento, sustentando o céu sobre as nossas cabeças.



galeria 2 - imagem sp terra indígena + outras de Denilson Baniwa selecionadas

15 bióloga, filósofa, escritora, é professora do departamento de história da consciência na universidade da califórnia em santa cruz, onde ensina teoria feminista, estudos de ciência e estudos de animais. seu livro mais recente é *when species meet* (university of minnesota press, 2007), que examina aspectos filosóficos, históricos, culturais, pessoais, tecnocientíficos e biológicos das ações inter e intra animais e humanos.

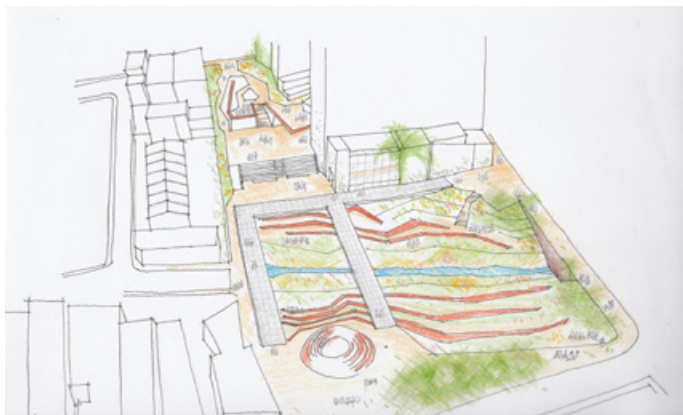
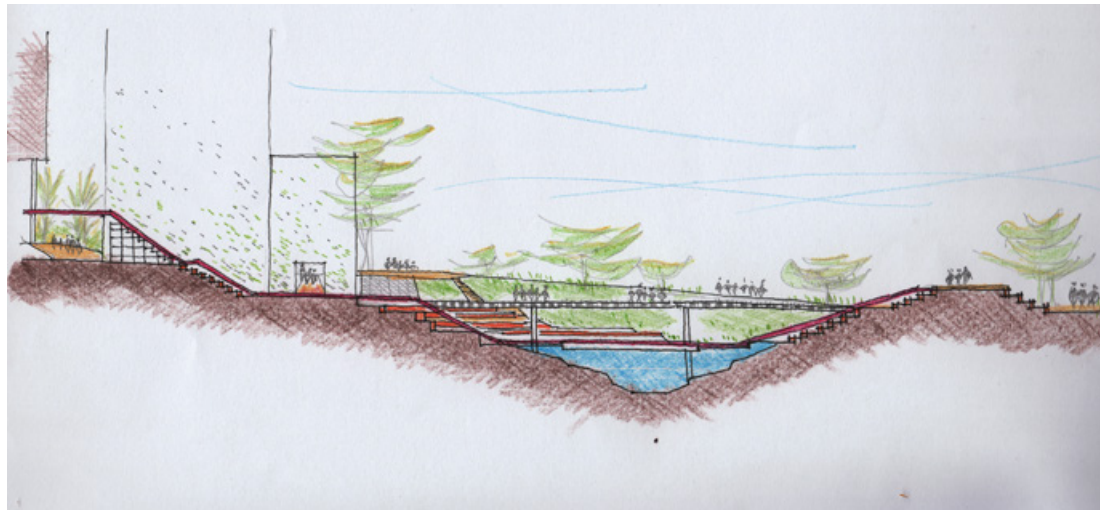
16 até agora, a atualização dessa luta conta com uma importante vitória, alegria vital: a pl 805/2017 (que cria o parque do bixiga) passou em todas as comissões e foi para votação em primeira plenária na câmara municipal de são paulo, a votação foi também favorável a criação do parque, com apenas 1 voto contrário, o do deputado fernando holiday. os próximos passos são: segunda votação na câmara e então segue para sanção do prefeito.

17 ernst götsch, criador do conceito de agricultura sintrópica, trabalha com a produção de agricultura de processos na criação de agroecossistemas, onde, costuma dizer, coloca a plantas para "criar água": por exemplo, em relação ao sistema de água doce que circula entre a precipitação e a evaporação, se matamos a vida (plantas, animais...) reduzimos ou acabamos com a água, se plantamos vegetação estimulamos este sistema. o agricultor já recuperou 800 hectares de floresta atlântica no brasil.

*é desejo dessa escrita habitar o papel com letras minúsculas.

as forças não cessam de compor umas com as outras formas sempre inacabadas, sempre por se fazer, desfazer, destruir, criar, a ponto de um não fixar perene, a ponto de um sempre movediço que opera na fronteira dos contornos, um contínuo infiltrar-se, um incessante *fazer com*, como donna haraway¹⁵: we are humus, not homo, not anthropos; we are compost, not posthuman. a transformação que não se estagna, a agitação e o repouso, o pulso, a composição e a decomposição, o músculo cardíaco, as guelras dos peixes, a pele das cobras, as sístoles e as diástoles, um casulo... talvez a tudo isso se diga: é a força vital. este ensaio inicia, num estado mesmo do cio das coisas que vem, um exercício de imaginação cosmopolítica: máquina de escrita que gesta no rito das palavras um plano de existência, e que dá testemunho da construção de um mundo¹⁶. água também se planta.¹⁷

só nós mesmos podemos nos representar, ou talvez, só nós podemos dizer que representamos a terra — esta terra. não a "nossa terra", mas a terra de onde somos, de quem somos. somos os involuntários da pátria. porque 'outra' é a nossa vontade.
eduardo viveiros de castro



galeria 3 - parque do rio do bixiga_esboços

